

CADERNO **D**ERESUMOS



02 E 03 DE DEZEMBRO. 10H

coloquio.semioticavisual@gmail.com

João Vitor de Castro e Silva
(UNESP)

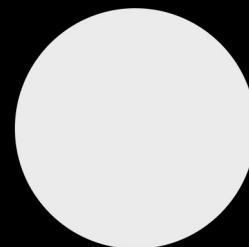
capacontracapa

Leandro da Silva Ribeiro
(USP)

revisão

Gustavo Henrique Rodrigues de Castro
(UNESP | Fapesp)

diagramação



realização



comitêcientífico

Thiago Moreira Correa (UNESP | Capes)
Matheus Nogueira Schwartzmann (UNESP)
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte (USP)
Jean Cristtus Portela (UNESP | CNPq)
Patricia Veronica Moreira (UNESP | Capes)

comissãoexecutiva

Flávia Furlan Granato (UNESP | Capes)
Gizelia Mendes Saliby (USP)
Gustavo Henrique Rodrigues de Castro (UNESP | Fapesp)
João Vitor de Castro e Silva (UNESP)
Leandro Lima Ribeiro (USP)
Letícia dos Santos (UNESP)

apresentação

A Semiótica Visual teve no atelier de Semiótica Visual do Grupo de Pesquisas Semio-linguísticas, em Paris, e no Grupo μ , em Liège, as fontes destinadoras para a implantação de projetos teóricos sobre as linguagens não-verbais. De forma coletiva, produziram-se os fundamentos de nossas investigações: Barros, Édeline, Floch, Klinkenberg, Vergniaud, Thürlemann entre outros, trouxeram contribuições que impactaram a reflexão sobre “o visual” até os dias atuais.

A prática de grupo que marcou o início das investigações mudou, porque a sociedade mudou. Com a prática científica mais individualizada, o trabalho coletivo em grupos tornou-se menos frequente.

No Brasil, vimos grandes professores-pesquisadores levarem adiante o projeto de uma Semiótica Visual, o que favoreceu sua divulgação e a formação de novas gerações de semioticistas que escolheram a plasticidade como objeto de estudo. Assim, chegamos atualmente a uma quantidade significativa de trabalhos. Esse cenário propiciou a concepção do Colóquio “Caminhos Contemporâneos da Semiótica Visual”, que tem como um de seus objetivos a retomada do caráter coletivo das reflexões.

programação **sumário**

quinta ^{02|12} feira

MESA 1 10h 11h10 7

Debatedora: Renata Mancini (UFF)

A prática metalinguística em Entre umas e outras, de Julia Wertz

Patricia Veronica MOREIRA (UNESP) | Jean Cristtus PORTELA (UNESP | CNPq)

Acerca da escultura

Antonio Vicente Seraphim PIETROFORTE (USP)

MESA 2 11h20 12h30 8

Debatedora: Mariana Luz Pessoa de Barros (UFSCar)

Uma leitura do objeto literário intersemiótico Lettres du Havre

Marc Barreto BOGO (PUC-SP | UNILIM)

Práticas editoriais nos peritextos visuais e sincréticos de “Da poesia”

Gustavo Henrique Rodrigues de CASTRO (UNESP | Fapesp)

MESA 3 14h00 15h10 9

Debatedora: Dayane Celestino de Almeida (UNICAMP)

Poesia visual e sintaxe da língua escrita

Juliana Di Fiori PONDIAN (USP)

Poesia visual e poesia intersemiótica

Júlio MENDONÇA (Casa das Rosas)

MESA 4 15h20 16h30 10

Debatedora: Ana Cristina Fricke Matte (UFMG)

Presença e ritmo da ilustração no livro paradidático O poeta que fingia

Flavia Furlan GRANATO (UNESP | Capes)

Sincretismo verbovisual nos materiais didáticos e Currículo da Educação Básica: oposições

Thiago Moreira CORREA (UNESP | Capes)

sexta^{03|12} feira

MESA 5 10h 11h10..... 11

Debatedora: Carolina Lindenberg Lemos (UFC)

Les formes et les forces en image. De la théorie structuraliste au Material Turn

Maria Giulia DONDERO (F.R.S.- FNRS | Université de Liège)

A língua é social, logo, o pensamento também é, o mundo deve ser um texto

Sebastião Elias MILANI (UFG)

MESA 6 11h20 12h30..... 12

Debatedor: Alexandre Marcelo Bueno (MACKENZIE-SP)

O sentido no debate presidencial ao vivo e suas estratégias manipulativas no contexto brasileiro

Janice Alves GOMES (IFG-Uruaçu | NUEPED | IMAGO)

A construção visual de discursos políticos em dois fotolivros brasileiros

Daniela BRACCHI (UFPE)

MESA 7 14h 15h10..... 14

Debatedor: Antonio Vicente Seraphim Pietroforte (USP)

A força figurativa na construção de um corpo fragmentário

Tércia Montenegro LEMOS (UFC)

A violência da imagem: algumas reflexões sobre a foto-choque e o retrato em reportagens policiais

Matheus Nogueira SCHWARTZMANN (UNESP)

A prática metalinguística em *Entre umas e outras*, de Julia Wertz

Patricia Veronica MOREIRA (Unesp) | Jean Cristtus PORTELA (UNESP | CNPq)

Neste trabalho, temos como objetivo empreender, por meio da semiótica discursiva, sobretudo com base na teoria das práticas semióticas e de seus níveis de pertinência (FONTANILLE, 2008), acrescida das reflexões que tangem à enunciação enunciada nas imagens (DONDERO, 2016), uma leitura do romance gráfico autobiográfico *Entre umas e outras*. Publicada em 2010 pela autora estadunidense Julia Wertz, a obra foi indicada ao prêmio Eisner, sendo amplamente reconhecida no universo da HQ. Wertz narra, nesse romance gráfico, as suas aventuras enquanto quadrinista ao se mudar de São Francisco para Nova York, aos “vinte e poucos anos”, no verão de 2007. Em nossa leitura, direcionamos o olhar analítico para a problemática da metalinguagem nos quadrinhos, tema central da HQ contemporânea, que está ancorada em cenas práticas e estratégias de autorrepresentação, como maneira de criar o efeito de veridicção no discurso enunciado e, portanto, construir não somente a adesão de seu enunciatário, mas explicitar, ao mesmo tempo, a forma de vida do quadrinista.

Acerca da escultura

Antonio Vicente Seraphim PIETROFORTE (USP)

Em princípio, quem, na investigação da escultura e seguindo pela semiótica proposta por Greimas, parte da semiótica plástica encaminhada por Floch, em algum momento da análise, depara-se com as categorias topológicas, cromáticas e eidéticas nos estudos do plano da expressão e do semissimbolismo. Cabe indagar, porém, se tais categorias seriam, apesar de necessárias, suficientes para desenvolver uma semiótica da escultura. Considerando a semiótica, em sentido lato, o estudo da significação, e não apenas o que cabe nas ideias de Greimas, vale a pena estudar o que outros pensadores da escultura têm a dizer. Para tanto, recorre-se a dois autores: (1) Herbert Goerge, quem propõe 14 tópicos elementares para ver e entender a escultura; (2) Herbert Read, para quem a escultura, antes de se revelar à visão, revela-se ao tato.

Uma leitura do objeto literário intersemiótico *Lettres du Havre*

Marc Barreto BOGO (PUC - SP | UNILIM)

Vê-se em plena ascensão no mercado editorial, neste início de século, a presença de certas obras que podemos considerar “objetos literários intersemióticos”: determinações materiais e espaço-temporais investidas de significação que comportam um discurso percebido como “literário” pelo corpo social, construídas a partir de relações entre diferentes semióticas. Um espécime instigante desse fenômeno cultural é *Lettres du Havre*, obra de Élodie Boyer e Jean Segui, publicada pela editora francesa Éditions Non Standard. O livro, de subtítulo “identidades reais e missivas imaginárias”, é construído a partir de dois sentidos possíveis da palavra *lettres*: “letras” e “cartas”. Assim, na obra, grandes páginas coloridas apresentam fotografias de marcas comerciais, de letreiros urbanos e de elementos de sinalética da cidade portuária de Le Havre – as “letras” –, intercaladas por pequenas páginas em preto e branco que contêm 100 missivas fictícias ambientadas nessa cidade – as “cartas”. Na estrutura do objeto-livro, entram em relação as semióticas espacial, visual gráfica, fotográfica, infográfica e verbal escrita, as quais, por sua vez, se relacionam também com as semióticas presentes na própria Le Havre, em relações explicitamente intersemióticas. Propõe-se, aqui, uma leitura dessa publicação pautada na Semiótica desenvolvida por A. J. Greimas e seus desdobramentos, em especial nos estudos da plasticidade, do sincretismo de linguagens e da dimensão social.

Práticas editoriais nos peritextos visuais e sincréticos de “*Da poesia*”

Gustavo Henrique Rodrigues de CASTRO (UNESP | Fapesp)

Quando um texto literário é publicado, inevitavelmente, é inserido em um suporte. A partir desse gesto de inscrição, ele passa a dividir espaço com outros textos (prefácios, notas, imagens etc.) que desempenham um papel pertinente na construção do seu sentido. Partindo dessa observação (corroborada por Chartier, Fontanille, Genette) e encarando o peritexto editorial de uma obra como a instância de mediação entre o enunciatário e o texto literário, o trabalho busca indicar como os peritextos visuais e sincréticos podem estabelecer grades de leitura capazes de reiterar valores e estratégias que, em última instância, remetem a um projeto editorial global. Especificamente, são abordados os procedimentos editoriais a partir da análise de dois retratos de Hilda Hilst, reaproveitados no projeto gráfico de *Da poesia*, para, em seguida, cotejá-los com enunciados verbais que apontam para esse projeto global de edição. A discussão se ancora no aparato teórico-metodológico da semiótica francesa e toma, como corpus para reflexão, *Da poesia*, uma obra da escritora brasileira Hilda Hilst [1930-2004], publicada em 2017 pela editora paulista Companhia das Letras.

mesa3

Acesse [aqui](#)

Poesia visual e sintaxe da língua escrita

Juliana Di Fiori PONDIAN (USP | FAPESP)

Nos dias atuais, em que os procedimentos visuais de espacialização e figurativização em poesia deixaram de ser novidade e já se encontram disseminados em grande parte da produção contemporânea, é urgente também a estabilização de metodologias de análise e da metalinguagem para abordá-los. Quando esses procedimentos colocam em questão a leitura por meio dos modos de ocupação da página, é difícil encontrar análises em que não conste a máxima: “o poema rompe com a linearidade do signo linguístico” –, da qual eu mesma já me servi em diversas ocasiões. No entanto, em produções baseadas na língua escrita, sabe-se que a linha espacial dos signos gráficos, apreensível pelo olho, é distinta da sucessão do tempo, dos significantes acústicos enunciados, apreensível pelo ouvido, que embasam o conceito de linearidade proposto por Saussure. É essa especificidade que a poesia, sobretudo visual (espacial, concreta, caligramática, etc.), coloca em evidência. Nesta apresentação, portanto, a tal ruptura da linearidade será abordada nos termos de uma “nova sintaxe”, ou “sintaxe espacial” ou ainda, na perspectiva que queremos apresentar, da sintaxe própria da língua escrita tomada como sistema semiolinguístico autônomo e o uso poético que dela pode ser feito. Diante disso, para tratar desse aspecto, propomos o conceito de metataxe da língua escrita, isto é, operações retóricas que incidem na relação entre as palavras na página, a partir da manipulação de categorias linguísticas e semióticas próprias da escrita, como direção, alinhamento, uso de sinais de pontuação, maiúsculas/minúsculas, etc.

Poesia Visual e Poesia Intersemiótica

Julio MENDONÇA (Casa das Rosas)

A poesia visual, no Brasil, está muito associada à Poesia Concreta – não sem razão –, ainda que também tenha relação com o Poema/Processo. Entretanto, no âmbito internacional, houve e há manifestações numerosas e bastante diversas de poesia visual, nem sempre próximas da Poesia Concreta. No Brasil, tanto a Poesia Concreta quanto o Poema/Processo pensaram suas práticas poéticas por meio de referências da semiótica de Charles S. Peirce. Autores de ambos os movimentos se basearam em conceitos da semiótica para refletirem sobre a poesia que estavam criando e publicaram textos a respeito. Dessa reflexão, surgiu, nos anos 70, uma poesia que alguns autores denominaram “Intersemiótica” e que, embora nem sempre utilizando esse nome, continua sendo realizada, ainda hoje, com essa característica. A palestra tratará das diferenças entre essas duas formas de manifestação poética e procurará demonstrar em que consiste essa intersemiose, comentando alguns poemas em que esse processo acontece.

A presença e o ritmo da ilustração no livro paradidático *O poeta que fingia*

Flávia Furlan GRANATO (UNESP)

O presente trabalho busca explicar o gerenciamento das práticas, tanto didática quanto editorial, no que diz respeito ao ritmo e à presença da ilustração em uma obra paradidática. Os livros com ilustração, ou ainda, acompanhados de ilustração, possuem o texto verbal espacialmente predominante e autônomo do ponto de vista do sentido, porém, com a ilustração, uma nova linguagem se instaura gerando novos sentidos. Trabalho como o da diagramação, por exemplo, no nível da prática editorial, é fundamentalmente necessário, pois entre o texto e a imagem deve haver uma articulação formalmente respeitada a fim de manter um ritmo de leitura equilibrado. Nosso objetivo, para esse trabalho, é realizar uma análise de aproximação entre a dimensão escrita de um capítulo e sua ilustração. O livro escolhido é o paradidático infanto-juvenil, de Álvaro Cardoso Gomes, com ilustração de Alexandre Camanho, da editora FTD, intitulado *O poeta que fingia*. A história é uma narrativa em prosa, um romance, na qual um menino chamado João Fernando conhece o poeta Fernando Pessoa e, através dessa amizade, a vida e obra do escritor português vão sendo reveladas aos leitores. Para tratar tais questões e outras ligadas ao suporte de inscrição e às propriedades formais e materiais dos textos, bem como os sentidos gerados por meio dos planos da expressão e do conteúdo, apoiaremos-nos, de um lado, nos pressupostos da semiótica discursiva, das contribuições de uma semiótica plástica e da reflexão sobre os níveis de pertinência da análise semiótica, como proposta por Jacques Fontanille, e, de outro lado, nas reflexões de Gérard Genette sobre a noção de paratexto editorial.

O sincretismo verbovisual nos materiais didáticos e Currículo da Educação Básica: oposições

Thiago Moreira CORREA (UNESP | CAPES)

A partir da análise de Pontes Jr. (2017) a respeito do sincretismo em livros didáticos, buscamos observar o uso de imagens em diferentes textos avaliativos presentes em materiais da educação básica. O sincretismo considerado em nossa abordagem concentra-se na relação verbovisual que, nos materiais didáticos, tende a priorizar os conteúdos da semiótica verbal, fazendo com que a imagem tenha um caráter redundante, inclusive, dentro de uma prática escolar avaliativa, sem pertinência. Desse modo, trazemos os conceitos de função de etapa e de ancoragem (BARTHES, 1964) para colocar em evidência uma possível função ilustrativa da imagem, considerada talvez uma especificidade de ancoragem, que conduz à produção sincrética dos textos didáticos avaliativos, em nosso caso, questões objetivas em livros didáticos, em materiais de apoio aos alunos, no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) (e, provavelmente, em vestibulares). Essa constatação sobre a preponderância verbal choca-se com as exigências atuais da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e com documentos diretores municipais como, por exemplo, o Currículo da Cidade de São Paulo (SÃO PAULO, 2019) que valorizam a multimodalidade (sincretismo) e as práticas “reais” de uso da linguagem no ensino-aprendizagem. Assim, enquanto as políticas educacionais estimulam uma abordagem multimodal (sincrética) em sala de aula, os materiais didáticos centralizam-se no conteúdo verbal, sem um desenvolvimento adequado das relações entre as linguagens.

Les formes et les forces en image. De la théorie structuraliste au Material Turn

Maria Giulia DONDERO (F.R.S.- FNRS | Université de Liège)

Mon intervention prendra en considération la peinture, la photographie et l'image numérique et reviendra tout d'abord sur l'histoire de la sémiotique visuelle pour ouvrir ensuite le champ à des propositions pour renouveler l'analyse de l'image. Il s'agira surtout de proposer une méthodologie pour étudier la dynamique interne à l'image (forces régissant les formes) et sa matérialité, y compris ses techniques de production. Les différentes sortes d'images seront étudiées non seulement par rapport à leurs techniques de production réalisées, mais aussi par rapport à celles fictives (pensons à la peinture de Gerhard Richter, qui mime la photographie dans ses techniques, formats, pratiques). Enfin, je prendrai en considération des applications d'analyse automatique d'images utilisant des méthodologies de deep learning en les mettant en contraste avec l'analyse sémiotique des forces internes à l'image.

A língua é social, logo, o pensamento também é, o mundo deve ser um texto

Sebastião Elias MILANI (UFG)

O objeto desta apresentação é a relação do pensamento com a matéria transformada em texto. Tudo que apresenta uma materialidade para os sentidos humanos é transformado em um plano da expressão. Antes de analisar esses textos semioticamente, para justificar, deve-se visitar os dizeres sobre as implicações que os sentidos têm com a interpretação de todos os textos ao redor. A língua é social e dá forma ao pensamento. Todas as sensações que os sentidos captam são transformadas em ideias e signos pelo exercício de examiná-las através da memória. As ideias que um ser humano têm na memória foram depositadas ali pela relação que ele manteve através da língua com a comunidade de fala. Todas as ideias são linguísticas e formadas de acordo com a sociedade, portanto, qualquer avaliação que um ser humano faça de uma sensação, será através de sua língua e cultura. Assim, tudo que é apresentado aos sentidos de um ser humano é social e se reduzirá à função semiótica. Um texto, todos são sempre construídos sincreticamente, que privilegie um sentido, qual seja a visão ou a audição etc., será interpretado de acordo com os valores depositados na memória, salienta-se, individual. Assim, uma pintura, uma escultura, uma maquete, uma rua, uma árvore ou uma floresta são textos, porque o ser humano se coloca completamente a partir do meio social. A interpretação de um texto, na situação cotidiana, exige que todos os sentidos estejam em pleno funcionamento, e o plano da expressão construído resulta em valores subjetivos, na ordem e com a forma que o pensamento conseguiu recuperar das sensações.

mesa 6

Acesse [aqui](#)

O sentido no debate presidencial ao vivo e suas estratégias

Janice Alves GOMES (IFG-Uruaçu | NUEPED | IMAGO)

O debate ao vivo é considerado o clímax de uma campanha política, pois é um dos últimos recursos que os candidatos utilizam com amplo alcance midiático para persuadir o eleitor. Nesse sentido, a proposta que aqui se faz é a de descrever a forma como o debate presidencial ao vivo é organizado com o fim de mobilizar o cidadão nesse processo que se sustenta no discurso de que a escolha do candidato pelo eleitor é feita democraticamente. Para fazer a análise do corpus, que compreende os debates presidenciais ao vivo de 1989 a 2014, transmitidos pela Bandeirantes e pela Globo, utilizou-se a semiótica plástica, por possibilitar o estudo de textos sincréticos. Para tanto, foram selecionados os seguintes temas para se desenvolver a análise: a vinheta, a câmera, o estúdio e as regras. Ao aplicar as categorias eidética, topológica e cromática nesses temas, percebe-se que as emissoras constroem narrativas a partir da segmentação das formas, das cores, do espaço, dos movimentos, etc, que conduzem o telespectador a crer que este trata-se de um programa eufórico, organizado pensando nele, com o objetivo de ajudá-lo na melhor escolha de um candidato à presidência.

A construção visual de discursos políticos em dois fotolivros brasileiros

Daniela BRACCHI (UFPE)

Propomos uma reflexão sobre a encenação de dissensos e de outras relações humanas possíveis nas páginas das publicações fotográficas. O caráter político de dois fotolivros é entendido nesta pesquisa de acordo com as reflexões de Arendt (2006) sobre a regulação das liberdades, assim como as considerações de Rancière (1996) sobre a convivência dos diversos. A partir dessa compreensão, objetivamos refletir sobre as estratégias enunciativas presentes em dois fotolivros que constroem um discurso de caráter político. Para tanto, exploramos duas publicações brasileiras atuais. A primeira é *Sobremarinhas: Capitânias e Tirânias* (2019), que narra a resistência ocorrida durante uma exposição de imagens que denunciavam valores políticos de extrema direita. Destaca-se, na obra de Barreto, o modo pelo qual posições políticas contrastantes são materializadas, no plano da expressão, por meio do choque de elementos, como cores e materiais, e, no plano do conteúdo, com o confronto de figuras que compõem colagens de seres surreais. Já a segunda publicação abordada é *Welcome home* (2012), que sugere ao leitor a experiência de estar em meio a uma comunidade queer do Tennessee. No plano da expressão, as cores são responsáveis por novos modos sensíveis de apreensão das aparências das identidades. Já no plano do conteúdo, a pose e as roupas dos retratados levam o leitor a compreender o tempo e o lugar de *Welcome home* como uma tópica da prática de liberdade das identidades. Buscamos abordar, portanto, como estes dois fotolivros construíram visualmente dissensos presentes em discursos e identidades.

A força figurativa na construção de um corpo fragmentário

Tércia Montenegro LEMOS (UFC)

Nesta pesquisa, originalmente analisamos, à luz da teoria semiótica, a obra de cinco artistas praticantes de uma tendência de autorretrato fragmentário bastante em voga na atualidade. Claudia Prontera, Delfina Carmona, Maria Maglionico, Tainá Cavalcante e Ziqian Liu desenvolvem, em diferentes países, jogos com espelhos que potencializam a ideia de desmembramento e suas conseqüentes reflexões no território do corpo feminino. Ao comparar suas imagens, observamos a criação de um processo dispersivo de identidades que acaba por unificar estilos, poses e intenções, apesar das diversas fontes culturais e geográficas de que participam as artistas. Para esta apresentação, por questão de brevidade, vamos nos concentrar em apenas um caso ilustrativo, que servirá também como demonstração da prática de pesquisa e criação artística do Visada – Grupo de Investigação do Texto Visual, ligado ao curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. Integrante do Visada, o aluno Vinicius Façanha, atual mestrando desta instituição, participou como coautor do presente trabalho.

A violência da imagem: algumas reflexões sobre a foto-choque e o retrato em reportagens policiais

Matheus Nogueira Schwartzmann (UNESP)

O objetivo desta reflexão é discutir as estratégias enunciativas envolvidas na representação fotográfica de vítimas de violência, mais especificamente daquelas envolvidas em chacinas, em matérias publicadas no Caderno “Cotidiano”, do jornal diário Folha de São Paulo. Em algumas coberturas, no lugar de empregar fotos-choque, a Folha parece se valer do que Anne Beyart-Geslin (2017) chama de um “choque enunciativo”, que é produzido por uma dramatização da interação entre os sujeitos da enunciação fotográfica. Nesses casos, ao elege o retrato – em detrimento das fotos-choque – a Folha visa produzir uma identificação entre vítima e os sujeitos da enunciação, promovendo o efeito de comoção: o retrato parece permitir que se produza uma ressensibilização e uma humanização dos corpos violentados. Assim, não se trataria mais de um corpo qualquer, sem rosto, mas um ser reconhecível e próximo do enunciador, diferentemente do que se vê mais comumente, em que são usadas estratégias discursivas marcadas pela banalização e pela naturalização da violência, levando a um processo de desumanização, de apagamento das identidades, que têm origem no próprio sentido de chacina enquanto abate e matança coletiva. Desse modo, o uso do retrato seria, parece-nos, uma estratégia rara em situações de cobertura de chacinas, pois nesse tipo de reportagem – que narra, em forma de espetáculo de horror, a guerra civil que se desenrola já há anos no Brasil.